



## **VIOLÊNCIA NA ESCOLA: PESQUISA EM UM PROJETO PEDAGÓGICO- “ESQUADRÃO SOU DO BEM”**

### *VIOLENCE IN SCHOOL: RESEARCH IN A PEDAGOGICAL PROJECT- “ESQUADRÃO SOU DO BEM”*

**Fátima dos Santos**

UFG, Brasil  
fatimasuelimcp@gmail.com

**Jocivannia Maria Nobre**

SEED/GEA, Brasil  
jocivanniadias@gmail.com

#### **Resumo**

O presente artigo vai tratar da temática violência na escola, de forma específica no que se refere ao enfrentamento da violência em um projeto pedagógico intitulado “Esquadrão Sou do Bem”, de uma escola da rede pública estadual na cidade de Macapá, estado do Amapá, como foco de interesse deste estudo nos deteremos nas atividades artísticas do referido projeto, visto que, o mesmo apresenta uma proposta bem diversificada. Quais os possíveis sentidos e significados que os sujeitos-alunos apresentam ao visualizarem imagens de suas participações neste projeto pedagógico. Que olhares e sob que relações os alunos e professores envolvidos vivenciam essas atividades artísticas? E de que forma contribuirá ou não para um novo olhar com relação à questão da violência na escola? São vieses por onde procuramos tecer vínculos possíveis de análise e compreensão, a partir de esforços conjuntos da comunidade escolar aliados a estratégias no fazer e conceber arte, a fim de potencializar emergentes transformações imbricadas nos ameaçadores riscos sociais. Sabendo-se que, este problema está intrinsecamente ligado a questões sociais e outros fatores que pretendemos levantar no decorrer do estudo, através das análises das falas dos alunos em suas percepções e experimentações. O referido projeto vem sendo trabalhado desde 2015 de forma perene, é considerado piloto em desbravar experiências que valoriza de forma especial a classe discente, suas potencialidades e descobertas. Também estará contemplando a identificação de algumas pesquisas no campo da educação que se debruçaram a discutir sobre a violência na escola. Cabe estabelecer algumas questões para reflexão diante de um assunto que há tempos é tratado sob vários olhares e abordagens de diversas ordens e discursos. Será realizado um breve panorama sobre projetos pedagógicos de enfrentamento a violência nas realidades escolares à nível de Brasil. O percurso traçado neste estudo dialoga com a educação, arte e cultura visual.

**Palavras-chave:** violência na escola; projeto pedagógico; arte e cultura visual.

#### **Abstract**

This article deals with violence in the school, in a specific way regarding the confrontation of violence in a pedagogical project titled “Squad Sou do Bem”, of a state public school in the city of Macapá, state of Amapá, as focus of interest of this study we will focus on the artistic activities of said project, since it presents a very diversified proposal. What possible meanings and meanings do the subject-students present when they visualize images of their participation in this pedagogical project. What looks and under what relationships do the students and teachers involved experience these artistic activities? And how will it contribute or not to a fresh look at the issue of violence in school? These are biases where we try

to weave possible links of analysis and understanding, from joint efforts of the school community allied with strategies in making and conceiving art, in order to potentiate emerging transformations imbricated in the threatening social risks. Knowing that this problem is intrinsically linked to social issues and other factors that we intend to raise in the course of the study, through the analyzes of the students' speeches in their perceptions and experiments. This project has been working since 2015 in a perennial way, is considered pilot in breaking up experiences that values in a special way the student class, its potentialities and discoveries. It will also be contemplating the identification of some research in the field of education that have been focused on discussing violence in school. It is necessary to establish some questions for reflection before a subject that for a long time is treated under several looks and approaches of diverse orders and discourses. A brief overview will be carried out on pedagogical projects to combat violence in school realities in Brazil. The course outlined in this study dialogues with education, art and visual culture.

**Keywords:** violence in the school; pedagogical project; art and visual culture.

## Apresentação

Entendemos a escola como um “espaço privilegiado de educação”, ambiente o qual nos custa reconhecer, como um campo de conflitos drásticos, a violência, ao invés de primar cuidado, afeto e cidadania, que em boa parte de sua origem, a escola se propôs. A harmonia e a coexistência pacífica entre seus pares não deveriam ser os propósitos prioritários da educação? Cabe analisar tal fenômeno restringindo-se ao espaço escolar, desqualificando questões sociais como a família? Caso a escola exerça uma política voltada para as condições sociais dos estudantes, o que a faz perder, muitas vezes, o controle de suas próprias funções disciplinares? A escola deixou de tratar sobre as questões éticas para mergulhar prioritariamente no campo cognitivo e se deixa afogar pelo social? Será que o olhar pedagógico de tanto voltar-se para o racional quantitativo, não acumulou catarata no ensino, fazendo-se cada vez mais de baixa visão para as questões subjetivas, afetivas e relacionais a partir dos estudantes?

Como alunos constroem sentidos e ressignificam visualidades ao participarem de atividades artísticas em um projeto pedagógico de enfrentamento à violência na escola? Que funções a arte exerce nessa perspectiva desafiadora contra a violência?

Com o crescente índice de violência observado na escola e seus arredores, e percebendo como isso de alguma forma afetava o desenvolvimento do ensino e aprendizagem, houve interesse em adentrar nas questões a seguir: quais seriam os impactos da arte e de suas práticas culturais, como a interpretação dos sujeitos alunos sobre sua própria realidade cotidiana e ainda na relação com imagens de si e de outrem do mesmo contexto escolar.

Diante de ocorrências sucessivas, uma proposta da cultura para a paz e consequentemente maior aproveitamento do rendimento escolar do aluno, o projeto pedagógico: “Esquadrão sou do bem” foi criado por professores e gestores escolares e executado com a

participação dos alunos. Tal iniciativa se desenvolve desde 2012, sendo de forma perene a partir de 2015, com o objetivo de diminuir o alto índice de violência em uma escola pública da zona periférica da cidade de Macapá, no estado do Amapá. Nesse aspecto, vemos tal projeto pedagógico como um objeto de grande potencial investigativo no campo da arte e da educação da cultura visual, visto que, são realizadas dentre atividades de outras naturezas, oficinas artísticas e suas respectivas apresentações no encerramento de cada etapa.

A imagem, aqui nessa proposta, terá um lugar de propulsão das questões investigativas. A tentativa de extrair dos alunos os sentidos possíveis, não das imagens em si, mas a partir delas criar um diálogo de compreensão desses sujeitos sob o impacto de tal projeto: como no rendimento escolar, no cotidiano, na compreensão de mundo, etc.

### **Arte e Cultura visual**

Uma imagem pode ser mediada e produzir ação e reação, e se faz imprescindível que os participantes do projeto possam visualizar e nos proporcionar suas percepções e sentimentos acerca de suas interpretações dessas imagens. Levando-se em consideração que uma mesma imagem pode trazer significados de forma diferente, mesmo para aqueles envolvidos no projeto. E, como a interpretação pode se diferenciar em alunos que estiveram envolvimento, diretamente, em determinadas ações ou não. De acordo com Martins,

O papel que a arte e imagem desempenham na cultura e nas instituições educacionais não é refletir a realidade ou torná-la mais real, mas articular e colocar em cena uma diversidade de sentidos e significados. Indivíduos de um mesmo grupo ou comunidade podem conviver com as mesmas imagens, mas cada um as vive e interpreta de maneira diferente, criando brechas e espaços de diversidade. (MARTINS, 2006, p. 74).

Neste sentido, nosso interesse é perceber a trama de experiências que a imagem proporcionará aos sujeitos alunos. Assim, podem-se extrair os mais variados sentidos e significados, enriquecendo tal estudo.

### **Violência na escola e o papel da educação**

No contexto da educação escolar, não raro nos deparamos com algum requinte de violência, pois, as relações estudantis também se configuram como um jogo de poder. É a lei do mais “forte”. Os que são mais tímidos, geralmente, sofrem com a violência, assim, como outros ditos “fortes” são influenciados a se envolverem em brigas físicas, etc. De uma forma ou de outra, todos nós somos afetados em menor ou maior grau. Quando se completa a idade escolar, nasce um

novo mundo para a criança, é o momento de lidar com situações que até então não faziam parte do seu dia-a-dia. Pode-se até dizer: momentos tensos. Fala da co-autora deste artigo Jocivannia “ao iniciar meu período escolar, por exemplo, sofria violência física, era tão tímida, que nem sequer abria a boca para proferir algumas palavras. Isso ficou marcado durante um bom tempo da minha vida, e até hoje recordo das características da pessoa que se apropriava da minha fragilidade. Não existiam motivos aparentes para agir de tal forma; faço apenas algumas hipóteses acreditando que pode ter alguma relação com o ambiente familiar, ou da própria comunidade, e/ou ainda as próprias condições socioeconômicas, dentre outros”.

Uma pesquisa do IBGE publicado em 15.06.2010 aponta Brasília como campeã de bullying. Sendo que a clientela alvo da pesquisa foram estudantes do 3º ano do ensino fundamental (antes 8ª série) de escolas públicas ou privadas das capitais dos estados e do Distrito Federal. A referida amostra contou com 6.780 escolas, onde 35,6% alegam serem vítimas constantes da agressão no DF, Belo Horizonte (35,3%) e Curitiba (35,2%) ficam no segundo e terceiro lugar. O Dicionário Online de Português explica o que é bullying

Forma de violência que, sendo verbal ou física, acontece de modo repetitivo e persistente, sendo direcionada contra um ou mais colegas, caracterizando-se por atingir os mais fracos de modo a intimidar, humilhar ou maltratar os que são alvos dessas agressões.

O fenômeno do bullying não acontece a partir do surgimento da palavra, mas desde os primórdios da escolarização, nós fazemos parte desta estatística, podemos dizer com propriedade, é algo que fica na nossa memória, são situações bastante constrangedoras.

A escola a qual iniciamos esse estudo, se localiza em área periférica, apresentando um vigoroso histórico de casos de violência entre alunos, inclusive atingindo alguns professores, causando mal-estar e até problemas de saúde, isso acontecia a quatro anos atrás, hoje já amenizaram bastante as situações de violência no referido estabelecimento. Diante daquele quadro, os professores e gestores se organizaram e criaram o “Esquadrão: sou do bem”. Uma tentativa de amenizar, senão extinguir, o alto índice de violência em tal educandário. Visto que a experiência que as vítimas da violência vivem, na maioria dos casos, é bastante traumática: não só difícil para esquecer, como um entrave ao desempenho escolar. De acordo com Abramovay e Rua (2002), os casos de violência na escola não devem ter mais destaque que o foco principal, que é o ensino e a aprendizagem:

A violência na escola é um fenômeno preocupante tanto pelas sequelas que diretamente inflige aos atores partícipes e testemunhas como pelo que contribui para rupturas com a ideia da escola como lugar de conhecimento, de afirmação do ser e da educação, como veículo por excelência de exercício e aprendizagem, da ética e da comunicação por diálogo e, portanto, antítese da violência (ABRAMOVAY & RUA 2002, p. 92).



Entendemos serem muitas as questões que embaraçam a escola de assumir seu papel prioritário como provedor de conhecimento, onde o ensino e a aprendizagem sejam garantidos e recíprocos, pois o professor não só ensina como também aprende, neste sentido, envolve em seu processo pedagógico confiança, diálogo e valorização da pessoa humana.

Acreditamos que o caminho para amenizar a violência na escola, esteja voltado para um trabalho que valorize o potencial do aluno, instigue-o à reflexão, e que, o leve a um estado de pertencimento, ou seja, que ele se sinta corresponsável com o zelo do ambiente escolar; e não a aplicação de repressão, que pode inclusive aumentar os casos de violência. O papel fundamental na prevenção da violência na escola, segundo Debarbieux (2002).

Deve ser desempenhado por aqueles que administram a educação em base cotidiana, contando, se necessário, com a ajuda de outros profissionais, especializados ou não: os professores, é claro, mas também as famílias e as comunidades, tantas vezes vistas como inimigas ou como culpadas (DEBARBIEUX, 2002, p. 86).

A integração entre escola e família é sinalizada pelos estudiosos como uma importante parceria na busca de resultados satisfatórios para a educação. A intenção de trazer a comunidade, para uma proximidade atuante na escola, é potencialmente capaz de valorizar o desempenho dos seus estudantes e prestigiar o trabalho escolar. Isso pode ser visto nas ações e culminâncias de tal projeto pedagógico. E dentro das contribuições de RUOTTI, ALVES & CUBAS (2006), destaco a que se refere às crianças e adolescentes como uma fase de grandes possibilidades.

Um dos grandes recursos das crianças e dos jovens é a rapidez com que se recuperam física e emocionalmente e a rapidez com a qual processam mudanças. Esse potencial de mudança, de recuperação e de regeneração, tanto em seu funcionamento mental como comportamental, deu um forte impulso para os pesquisadores repensarem os temas da prevenção da violência (RUOTTI, ALVES & CUBAS, 2006, p. 16).

Acreditamos que em muitos casos podem ocorrer essa recuperação rápida, tanto da parte física como emocional, mas existem situações onde permanece por muito tempo o trauma. O que me parece ser de crucial importância realizar um trabalho que desperte a criatividade do aluno e suas potencialidades, tanto para alcançar o objetivo da diminuição, como investir na prevenção da violência na escola. Tornar-se-á muito mais rico o estudo pretendido, com a tarefa de utilizar da teoria da educação da cultura visual. Algo capaz de problematizar as imagens e os sentidos possíveis que ela transmite, relacionado com a vivência dos sujeitos. Fernando Hernández (2007) fala sobre as representações visuais:

Considero que as representações visuais contribuem, assim como os espelhos, para a constituição de maneiras e modos de ser. As representações visuais derivam-se e ao mesmo tempo interagem de e com as formas de relação

que cada ser humano estabelece, também com as formas de socialização e aculturação nas quais cada um se encontra imerso desde o nascimento e no decorrer da vida. (HERNÁNDEZ, 2007, p. 31).

A pertinência que o autor considera ao tratar das representações visuais como cooperação a construção de atitudes e modos de ser está diretamente relacionada à vivência de cada um, suas experiências e seus sentidos, enfim seu cotidiano, seu repertório de mundo, fazendo parte deste mundo, vivendo e percebendo-o, a partir de imagens. Imagens como reflexo, que revelam subjetividades. Irene Tourinho (2008) faz uma importante análise sobre a experimentação:

A experimentação não está dissociada da reflexão nem da elaboração de ideias, percepções, sentimentos e experiências. Neste sentido, as salas de aula podem ser espaços produtivos se professores e alunos puderem compartilhar suas vivências, questionar e fazer conexões entre experiências (TOURINHO, 2008, p. 79).

É um universo fascinante, esse de interagir com o aluno, envolvê-lo a participar da aula, experimentando coisas até então não validadas na escola, como as histórias de vida e os sonhos dos alunos, para percebê-los em valorização e potencial humano.

Dando ênfase na arte, em seu processo de autonomia, possibilitando vínculo conceitual com uma educação de “formação” e “resistência”, baseada na teoria crítica, Juliana Chaves e Daviane Ribeiro (2014) tratam da arte na perspectiva em Herbert Marcuse:

O produto cultural que não se enquadra nos mecanismos da indústria cultural apresenta um espírito revolucionário. Ao romper com a lógica da dominação, com o imediatismo e/ou o ativismo sem reflexão, com a mimese da realidade, com o prazer barato muito vigente na contemporaneidade e ao instigar outra sensibilidade e, por não dizer outra subjetividade, a arte fica em desacordo com o movimento da adaptação e realiza um processo de formação que rompe com a sociedade unidimensional do capitalismo. (CHAVES e RIBEIRO, 2014, p. 20).

A arte, a educação e o pensamento filosófico coexistem numa proposta de resistência crítica às dominações de consumo que se apresentam de múltiplas formas na sociedade. Dominações disseminadas nas representações visuais ganham cada vez mais força na contemporaneidade. Imagens tecnológicas estão por toda a parte, sem nos darmos conta de sua quase onipresença. A busca pela autonomia está na possibilidade de outros olhares, não passivos, acerca do já estabelecido. Incluímos aqui as cenas e acontecimentos de violência na escola, que também nos cercam e nos acompanham.



## **Apresentando algumas falas dos alunos que participaram do projeto “Esquadrão Sou do Bem”**

Ao serem perguntados sobre como foi a experiência da participação na programação do projeto e como pretendem colaborar, as respostas foram:

*“Foi uma experiência inesquecível, os professores faziam tudo com amor e carinho e agente prestava atenção em cada detalhe. Espero respeito dos outros colegas, que todos possam participar do esquadrão”;*

*“Muito boa por ter aprendido várias coisas, me conhecer melhor. Espero que traga mais comunicação com os alunos”;*

*“Sendo do bem, não sou a mesma de antes. Espero que ajude os próximos”;*

*“Uma experiência que qualquer pessoa quer ter. quero ajudar a escola a melhorar, que ninguém mais possa brigar na escola”;*

*“Eu pretendo colaborar com o esquadrão deixando de ser essa menina rebelde briguenta. Foi um a experiência inesquecível”;*

*“Uma experiência que nunca tinha participado, e isso me ajudou muito. Eu espero o melhor para mim e professores”;*

*“Eu amei ter essa experiência. Pretendo colaborar com tudo o que eu puder”;*

*“Podemos mostrar para os outros alunos que nós podemos ser jovens do bem, me sinto especial. Ajudar as pessoas a colaborar”;*

*“É uma experiência muito boa. Pretendo colaborar com a minha participação, ajudando me sinto honrada”;*

*“Muito legal, me sinto especial. Pretendo ajudar mais os nossos colegas”*

*“Eu me sinto importante para o bem da escola. Pretendo ajudar no que for preciso”.*

Podemos perceber como está sendo valiosa a participação desses alunos no projeto, além de somar na escola, também contribuí para uma vida melhor em dignidade. E como eles passam a se sentirem pessoas valorizadas, e assim também desejam que todos possam experimentar. O aprendizado está sendo muito rico, até mesmo para terem novas ideias de como ganhar dinheiro fazendo aquilo que eles sabem e gostam. Só o fato desses alunos se importarem com os demais colegas e perceberem o quanto podem agir diferente, contribuindo para um ambiente mais saudável na escola como também pode haver benefícios no ambiente familiar. O bom de tudo isso é que abre muitas possibilidades de vida nova.



Existe toda uma logística de estrutura deste projeto pedagógico, como por exemplo, seguir o estatuto do jovem do bem, ganha promoção e terão direitos garantidos. Interessante também é que são realizados questionários com os pais dos alunos participantes, contendo informações preciosas. Durante toda a programação do projeto são ofertadas palestras, cursos, colônia de férias, passeio, lazer, depoimentos de outros jovens, curso de culinária, manicure e maquiagem, atendimento com psicólogos e etc. A culminância deste projeto são as apresentações artísticas para a comunidade escolar, onde acontecem os depoimentos de pais ou responsáveis, além de tudo isto, os talentos sendo incentivados e manifestados, tratando-se de um espaço privilegiado de socialização e aprendizado.

### **Pesquisas no campo da educação sobre a temática violência na escola**

Nos últimos dez anos encontramos poucos trabalhos em nível de mestrado e doutorado sobre violência na escola. A Revista Travessia em sua 16ª edição v. 6 Nº 3-2012 fez uma matéria sobre o trabalho de Daniele Wink Iijima e Tânia Maria Rechia Schoeder realizado através do Programa de Iniciação Científica (2010) e, posteriormente, no Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) de Licenciatura em Pedagogia apresentado em 2011, com o tema Pesquisa sobre violência escolar no Brasil, buscando como fonte o senso do CNPq-2010, em que a região sudeste apresenta o maior número de grupos de pesquisas sobre violência na escola, seguida da região Norte, segundo os dados computados no segundo semestre de 2010. Quando se procurou as palavras “violência escola” aparece à região sul com maior número de pesquisas relacionadas à violência escolar. Segundo a ANPEd - 2011 (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação) no ano de 2008 aparecem dois trabalhos sobre o tema, em 2009 apenas um, e em 2010 nenhum trabalho. Áreas afins que tratam desta temática são – Sociologia da Educação, Psicologia da Educação, Movimentos Sociais e Educação.

Em 2011 encontramos uma dissertação de mestrado, em São Paulo, 2012 uma tese de doutorado na Universidade Federal de São Carlos, 2014 dissertação de mestrado na Universidade Estadual Paulista, 2015 dissertação de mestrado em Minas Gerais e 2017 uma dissertação de mestrado na Universidade Federal de Juíz de Fora, todos esses estudos envolvendo a temática da violência na escola. Nos anos de 2010, 2013, 2016 não encontramos ou não foi divulgado trabalhos com este tema e 2018 até o momento não localizamos. De acordo com Yamasaki 2007, em sua tese de doutorado faz uma importante reflexão.

Precisamos ampliar os grupos de discussão sobre violências no contexto escolar. divulgar as teorias já construídas, socializando com os educadores e educandos a problemática da violência. Contribui para a disseminação dos conhecimentos sobre o tema e estimula a divulgação de experiências bem sucedidas de escolas que se viram envolvidas em situações de agressão. (YAMASAKI, 2007, p. 197).



Os projetos pedagógicos de enfrentamento à violência nas diversas realidades escolares em nível de Brasil se mostraram bastante fecundo e participativo. Segundo o X Congresso Nacional de Educação- Educare, em uma pesquisa realizada no ano de 2011 sobre projetos escolares de enfrentamento a violência e indisciplina, por Zechi e Menin, em um total de 702 relatos de experiências, 24% se referiam a temática da violência escolar. A Secretaria de Estado da Educação do Paraná, em 2008 chega a uma importante conclusão:

É consenso na Europa, bem como em trabalhos publicados nos Estados Unidos e no Brasil, que é a prevenção diária, no trabalho com os profissionais atuantes na escola com uma proposta de educação que abarque os alunos (crianças e adolescentes) como sujeitos históricos e sociais e a relação com a comunidade escolar, particularmente os pais, que se pode fazer face à violência no cotidiano das escolas. (Curitiba SEED/PR 2008, p. 27).

A vigilância firme dos profissionais da educação, a presença constante dos pais ou responsáveis e a valorização dos discentes é o que vai amenizar consideravelmente casos que envolvem a violência na escola e seus arredores. Leitão 2010 nos fornece valiosas orientações “Elaborando um projeto local para enfrentar a violência na escola” aponta questões para estarmos atentos.

Antes de qualquer intervenção, é fundamental conhecer e analisar o contexto social no qual a escola está inserida. Exercitar certo estranhamento em relação ao cotidiano escolar contribui para compreender situações de violência nem sempre evidentes e ajuda a olhar de outra forma aquilo que parece rotineiro. LEITÃO, 2010, p. 242).

Leitão também fornece trabalhos de experiências nacionais e internacionais com bastantes exemplos de atividades, que vão abrir novas ideias no sentido do combate a violência. Justo 2003 ressalta a importância da arte-educação na prevenção da violência.

Diante da já citada crise de valores, da crescente inserção do jovem na delinqüência e posterior criminalidade, entendemos ser de suma importância o uso da arte-educação voltada para a prevenção da violência, enquanto se é possível, com jovens alunos que buscam com atitudes de indiferença ou rebeldia, na maioria das vezes, apenas maneiras de serem ouvidos e respeitados. (JUSTO, 2003, p. 465).

O comportamento indiferente ou rebelde pode ser um forte indício de chamar atenção para problemas a serem resolvidos. A esperança desses alunos é receberem atenção e o direito de serem escutados. Bruno Romeu do Ministério da Educação deu uma entrevista bem atual (2018) sobre um Curso de enfrentamento a violência na escola.

Aberto ao público, a aula inaugural do curso Introdução à Justiça Restaurativa na Escola para uma cultura de paz acontece nesta sexta-feira, 31 de agosto na Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), no Recife. O curso é promovido pelo Ministério da Educação em parceria com a Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj) e busca apresentar alternativas baseadas na cultura do diálogo para resolver impasses dentro dos muros escolares, bem como debater de que maneira elas podem ser mais eficazes do que as tradicionais punições institucionais. O curso é voltado a professores, gestores e membros da patrulha escolar. (Bruno Romeu, Ministério da Educação, 2018).

Muito válida essa tentativa de implantar a cultura do diálogo em situações de conflitos. Acreditamos em resultados bem positivos, onde todos possam usufruir de benefícios intra e extraescolar.

Segundo o estudo de Beatriz Morrane e Flávia Yuri Oshima publicado na Revista Época a violência atinge 42% dos alunos da rede pública, envolvendo casos de agressões seguidos de roubo e furto dentro da escola, engloba também violência verbal e agressão por meio digital. Na 1ª edição da pesquisa nos meses de janeiro à novembro de 2015 entrevistaram 6.709 estudantes, de 12 a 29 anos, envolvendo sete capitais brasileiras: Maceió, Fortaleza, Vitória, Salvador, São Luís, Belém e Belo Horizonte.

Para a socióloga Míriam Abramovay, coordenadora da pesquisa acima mencionada, o que mais chocou nos dados da pesquisa foi o local onde mais sucedem os acontecimentos violentos. “É na sala de aula, que deveria ser um lugar protegido, que aconteceu 25% das ocorrências – o mesmo percentual dos pátios. Em segundo lugar, estão os corredores com 22%”.

### **Considerações finais**

O projeto “Esquadrão Sou do Bem” já nos trouxe alguns resultados, a nosso ver muito positivos. A expectativa é grande no que se pretende com relação à arte e cultura visual, algo mais direcionado as atividades artísticas do projeto, quais os sentidos e significados que podemos extrair a partir da visualização das imagens da participação no referido projeto, qual as contribuições da arte no enfrentamento a violência na escola? Essas questões serão respondidas em outro momento. Como profissionais da educação nos vislumbramos com práticas investigativas e recheadas de novidades, neste longo caminho se abre espaço para as pesquisas frutíferas com a riqueza de informações, análises e resultados. A escola pode e deve estar atenta e propiciar melhores condições para um ambiente mais favorável ao ensino e aprendizagem, tirando assim o foco nos acontecimentos que envolvem a violência, até pelo novo olhar e novas atitudes dos participantes do projeto, sentindo-se valorizados caminham para o comprometimento com o ambiente escolar e pertencimento ao mesmo.

Existem alguns trabalhos voltados para a temática da violência na escola em todo o Brasil, com maior peso em determinada região, mais ainda são incipientes pela urgência que o assunto exige, afinal trata-se do bem estar do aluno e seu desenvolvimento intelectual, afetivo, social e psicológico, que não pode caminhar bem com os conflitos e violência aflorada, quando o espaço escolar sofre com casos incidentes, o alvoroço se instala perdendo-se o foco da escola que é de ensinar e aprender, e o que é muito grave, comprometem ou atinge muitas vidas.

Os projetos pedagógicos de enfrentamento a violência estão sendo disseminados no Brasil e no mundo, existem trabalhos dentro desta proposta, que dão orientações de construção e desenvolvimento de projetos no combate à violência, sendo necessário que esteja sempre de acordo com a realidade da escola. Cabem então, as escolas se organizarem e buscarem parcerias e conhecimentos de outros estudos e práticas neste sentido, que o resultado poderá ser surpreendente.

## Referências

ABRAMOVAY, M; RUA, M. G. **Violência nas escolas**. Brasília: UNESCO, 2002.

CHAVES, J. De Castro; RIBEIRO, Daviane Rodrigues. Arte em Herbert Marcuse: formação e resistência à sociedade unidimensional. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 26, n.1, abr. 2014.

DEBARBIEUX, E. “Violências nas escolas”: divergências sobre palavras e um desafio político. In: E. Debarbieux & C. Blaya (orgs.), **Violências nas escolas e políticas públicas**, (pp. 59-87). Brasília: UNESCO, 2002.

GARCIA, Kárita & ANDRADE Rita. **A Cultura Visual e as imagens**: contribuições a uma pesquisa. (MARTINS, 2006, p. 74)

HERNANDEZ, Fernando. **Catadores da cultura visual**: proposta para uma nova narrativa educacional. Tradução Duarte. Porto Alegre: Mediação, 2007.

IJIMA, Danieli Wink & SCHOEDER, Tânia Maria Rechia. Pesquisas sobre Violência Escolar no Brasil. In: **Revista Travessias Unioeste**- Universidade Estadual do Oeste do Paraná -Campus de Cascavel /programa de Pós-Graduação em Letras. Cascavel. Vol. 6, nº 3, 16ª edição,2012.

JUSTO, Carmem Silvia Sanches. **Projeto Violência e Arte-Educação para a cidadania**. Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP- Campus de Marília- SP, 2003.

LEITAO, C. Elaborando um projeto local para enfrentar violência na escola. In: Assis, SG., CONSTANTINO, P. and AVANCI, JQ., ORG. **Impactos da violência na escola**: um diálogo com professores [arline]. Rio de Janeiro: Ministério da Educação/Editora Fiocruz, 2010, PP. 235-260. ISBN 978-85-7541-330-2. Available from Scielo Books <<http://books.scielo.org>>. Acesso em 07/08/2018. Link < <http://g1.globo.com/brasil/noticia>>. Acesso em 07/08/2018.

MARTINS, Raimundo. Porque e como falamos da cultura visual? **Visualidades**. Revista do Programa de Mestrado em Cultura Visual. Faculdade de Artes Visuais/ UFG.- V.4, n.1 e 2 (2006). – Goiânia – GO: UFG, FAV, 2006.

RUOTTI, C., ALVES, R., & CUBAS, V. De O. **Violência na Escola**: um guia para os pais e professores. São Paulo- Andhep: Imprensa oficial do Estado de São Paulo, 2006.

TOURINHO, Irene. Ouvindo escolhas de alunos: nas aulas de artes eu gostaria de aprender... Raimundo Martins (org.). In: **Visualidades e Educação**. Goiânia: FUNAPE, 2008, pp. 71-86.

YAMASAKI, Alice Akemi. **Violências no contexto escolar**: um olhar freiriano/ Alice Akemi Yamasaki, orientador Moacir Gadotti. São Paulo, SP: s.n., 2007.

## Minicurrículos

### Fátima Sueli Oliveira dos Santos

Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal de Goiás-UFG. Mestra em Educação pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro-UFRRJ. Especialista em Educação Especial pela Faculdade de Macapá – FAMA. Atuando como professora da rede pública Estadual do Amapá.

### Jocivannia Maria de Sousa Nobre Dias

Licenciada em Educação Artística com Habilitação em Artes Plástica pela Universidade Federal do Amapá-UNIFAP. Especialista em Linguística Portuguesa - UNIFAP. Atuando como professora de Arte pela rede pública Estadual do Amapá.